

De Freud à Lacan: os operadores estruturais do inconsciente e da clínica psicanalítica

Tania Coelho dos Santos¹

Maria Cristina da Cunha Antunes²

Clara Auday Huber Peed³

**Publicado em Formações teóricas da clínica, Lo Bianco, A . C. (org.),
pags. 101-139, Ed. Contracapa, R.J., 2001 ISBN 85-86011-37-1**

Nesse artigo procuramos reunir alguns resultados de uma investigação que vimos conduzindo acerca de como articular Freud com Lacan. O aprofundamento dessa pesquisa permitiu que verificássemos a enorme diversidade de abordagens do laço entre essas duas obras e, por essa razão, apresentamos, sem nenhuma ingenuidade, a nossa própria versão. Dizemos nossa, porque o que apresentamos aqui é uma parte do trabalho de um projeto integrado de pesquisa que reúne graduandos, mestrandos e doutorandos em torno da obra de Freud e de Lacan.

O ponto de partida dessa exposição é a convicção que alcançamos quanto ao que seja o ponto nevrálgico da releitura lacaniana da obra freudiana: há um axioma de Lacan que é exterior à obra freudiana⁴, oriundo da linguística, da lógica e da matemática: ***“o inconsciente é estruturado como a linguagem”***. Esse axioma ergue-se também numa experiência clínica diversa. A clínica freudiana descobre o inconsciente pela via da histeria, da questão sexual: “o que quer o Outro de mim ?” ; a clínica lacaniana, por sua vez, chega a ele através da psicose, revelando a raiz do sentimento ético, de obrigação e de dever. A partir da psicose, revela-se o Outro do inconsciente como um imperativo categórico puro: tu deves... O ponto de partida da experiência analítica na psicose é o ponto de apoio do projeto lacaniano de reestabelecer o fundamento do inconsciente no campo da linguagem resituando seu significado através do estruturalismo.

O diálogo com o estruturalismo se passa em dois planos. Primeiramente, Lacan entra em contato com o Curso de Linguística Geral de Saussure através de Lévi-Strauss, 1949 (As estruturas elementares do parentesco), quando este lança uma nova luz sobre a questão do tabu do incesto: a proibição do incesto realiza a passagem da natureza à cultura enquanto operador estrutural das trocas matrimoniais e das relações de

¹ Psicanalista e Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica

² Mestre e Doutoranda do PPGTP

³ Mestre e Doutoranda do PPGTP

⁴ Cf. Miller, J.^a Lacan Elucidado, Jorge Zahar Eds. 1997

parentesco. Lacan depreende dessa articulação que L. Strauss confere primazia ao significante enquanto o que precede e impõe suas leis ao significado.⁵ Essa articulação será a solução teórica de sua releitura do pensamento freudiano.⁶

O segundo plano diz respeito ao modo como Lacan incorpora Saussure. Com respeito a esse ponto há controvérsias, sobre as quais nos estenderemos mais adiante pois acreditamos que esse é um ponto que deve ser mais investigado e melhor esclarecido. Vamos nos deter, por enquanto, num aspecto parcial que é o da relação entre sujeito e linguagem, em Lacan e em Saussure. O objetivo dessa abordagem é introduzir uma discussão acerca do sujeito e do inconsciente em Freud e Lacan baseada num estudo do conceito de “*representante da representação*” freudiano e do conceito de “*significante*” lacaniano. Para Saussure, assim como para Lacan, há uma diferença entre a língua e a fala⁷. A fala verifica a implicação do sujeito no campo da linguagem. O ato de fala supõe, para Saussure, um sujeito, no sentido jurídico do termo, que “dá a sua palavra”⁸ e é portanto a parte individual da linguagem.

Para Lacan o sujeito não é o indivíduo empírico, ele coincide parcialmente com o Eu, com o sujeito do enunciado. Este mesmo Eu? implica o sujeito como inconsciente, enquanto uma enunciação enigmática – uma formação em linguagem cifrada, um ato falho, um tropeço, uma lapso – por meio do qual se introduz uma dúvida acerca da verdade daquilo que é efetivamente dito. O sujeito do inconsciente comparece, portanto, como uma enunciação discordante no campo dos enunciados.⁹ O sujeito lacaniano é, assim, essa ocorrência perturbadora no domínio da consciência de si que revela o inconsciente como discurso do Outro. A questão que temos diante de nós é de como encaminhar a dívida de Lacan para com Freud e como delimitar a novidade da sua abordagem do sujeito do inconsciente.

Dito isto, podemos nos dedicar a desdobrar esse ponto nodal para uma abordagem consistente da articulação entre Freud e Lacan. O inconsciente

⁵ Segundo Lacan 1962/63, pode-se concluir com Levi-Strauss, em “La pensée sauvage” que, “antes que o eu ou as experiências coletivas surjam algo organiza esse campo, inscrevendo suas linhas de força essenciais. A função totêmica é uma função classificatória primária, a natureza fornece significantes, isso conta e no contado já está o contador. Antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, isso conta, e só depois o sujeito tem que se reconhecer aí.”

⁶ Cf. Roudinesco, E. Jacques Lacan, Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento, Cia das Letras, 1994

⁷ Lacan, J. Função e Campo da palavra e da linguagem, Escritos, 1998

⁸ Observe-se a ambiguidade do termo parole em francês: ao mesmo tempo designa o ato de fala e um assentimento, uma afirmação, um compromisso com aquilo que é dito.

⁹ Lacan, J. O Seminário Livro II, “O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, Jorge Zahar Eds., 1987.

freudiano, segundo Lacan¹⁰, é um *Unbegrieff*, um inconceituado ou o conceito da falta. Lacan importou da linguística essa noção de uma estrutura, que funciona como uma máquina pré-subjetiva cujo efeito é o sujeito enquanto uma falha, uma hiância, uma descontinuidade, um traço apagado que indica alguma coisa que tem a função de barrar, de riscar outra coisa de apagar?: a censura. O inconsciente é estruturado pela função pré-subjetiva do significante que opera produzindo o desaparecimento, uma supressão (*Unterdrückung*) num nível muito mais primordial que o recalque (*Verdrängung*) propriamente dito. Lacan afirma que algo em Freud - o desejo freudiano - nunca foi analisado e que, por essa razão, seu inconsciente, e seu conceito de “causa”, permanecem mais ou menos aprisionados à idéia de uma força - palavra opaca – que positiva e portanto obscurece a verdadeira função da causa como uma hiância, uma grandeza negativa.¹¹

Passo a aprofundar as relações entre dois operadores estruturais dos discursos freudiano e lacaniano: a *Vorstellungrepräsentanz* freudiana e o significante lacaniano. Vamos admitir, por hipótese, que eles têm o mesmo referente: a causa do psiquismo – conceito que só se esclarece mediante sua relação ao desejo do analista. O representante da representação freudiano diz respeito aos rastros das experiências inconscientes desligadas entre si, que podem vir a ligar-se (*Bindung*) numa representação: uma fantasia ou uma lembrança. Esse termo, à propósito, encontra-se raramente na obra de Freud. No começo do capítulo II de “O inconsciente” lê-se: “não poderemos ouvir nada diferente (quando se fala de moção pulsional inconsciente) senão de uma moção pulsional, da qual o representante da representação é inconsciente. Esse termo segue-se à outro mais antigo, o *Triebrepräesentanz (representante da pulsão)*¹² em que transparece, justamente, que a pulsão - conceito limite entre o somático e o psíquico - é essencialmente silenciosa, não tem uma representação direta, logo, só pode ser objeto da “escuta analítica”. Há, deste modo, um hiato entre o somático e o psíquico, razão pela qual a pulsão é inconsciente. Esse hiato, Lacan vai referi-lo à oposição entre a insatisfação própria ao desejo em contraste com a satisfação pulsional.

Podemos encaminhar a articulação entre Freud e Lacan quanto à causa do psiquismo conforme se segue. A tese lacaniana, que se modula diferentemente ao longo de um certo percurso, é que porque o desejo freudiano não foi analisado, o representante da representação freudiano é recalcado. Passo a expor, passo a passo, as etapas da demonstração lacaniana

¹⁰ Cf. Lacan, J. O Seminário Livro XI, capítulo II “O inconsciente freudiano e o nosso”, Jorge Zahar Eds., 1988

¹¹ A grandeza negativa à qual Lacan se refere remete ao “Ensaio sobre as grandezas negativas de Kant”.

¹² Cf. Guy Le Gauffey, Représentation freudienne et signifiant lacanien, in Littoral, Freud Lacan: quelle articulation ?

do impasse freudiano, bem como sua formulação de uma estratégia de passe. Em “O mecanismo psíquico do esquecimento” Freud mostra que um significado insiste nas formações substitutivas do significante Signorelli. Ele esquece esse nome após ter suprimido (*Unterdrückt*) no seu diálogo com um jurista de Berlim, com o qual viajava, uma frase que lhe fora relatada sobre os costumes dos bósnios: “Senhor (Herr/Signor em italiano), quando aquilo (a sexualidade) não funciona mais, a vida não vale a pena ser vivida”. Freud, que não queria abordar com um estranho um tema que se associava ao suicídio de um paciente seu, por esse mesmo motivo, é atingido por um esquecimento, falta-lhe um **representante da representação**. Lacan comentou esse esquecimento de Freud em vários momentos de seus seminários. Em 1954 (Livro I) mostra como a relação imaginária onde Freud é capturado atenua sua assunção do seu-ser-para-a-morte. Em 1957 (Livro V) Lacan toma esse esquecimento de Freud de acordo com a fórmula da metáfora. Faltarão um termo metafórico para designar a realidade da morte, o Senhor (Herr) absoluto. Signor (Senhor em italiano), é recalcado e em seu lugar surgem fragmentos metonímicos, Boltraffio, Botticelli, além do auto-retrato de Signorelli, o nome esquecido. Os termos da falha metafórica apresentam-se conforme se segue:

X	Signor
Signor	Herr

O significante metafórico que falta é x, Herr representa o objeto metonímico, a morte. O *unterdrückt* apóia-se sobre Herr e o *verdrängt* sobre Signor, que por essa razão não pode vir à consciência. Segundo a fórmula da metáfora não é Signorelli que deve aparecer em x e sim um significante metafórico que ocupa o mesmo lugar do Nome do pai. Em 1965 (Livro) numa virada surpreendente Lacan sugere que o significante recalcado não é Signor e sim Sign que designa o Sigm do nome de Freud. Logo, o recalque é de uma parte do nome-próprio de Freud. Deste modo Herr designa a identificação imaginária de Freud à personagem “médico” que suprime (*unterdrückt*) o seu Sigm. Este último, por sua vez, designa sua identificação ao desejo, seu traço unário. Chegamos denovo ao ponto de partida. Há uma tese em Lacan acerca do final da análise e do advento de um analista. O esquecimento do nome próprio é um fenômeno que desvela um ponto de estrutura da falta, aquele que por intermédio do traço unário - onde o nome próprio sutura, opera uma falsa identificação - obturando os furos¹³, onde o sujeito (acéfalo da pulsão) encontra

¹³ Cf. Porge, E. Os Nomes do Pai em Jacques Lacan, Companhia de Freud, 1998

seu lugar, sua satisfação. O esquecimento do nome próprio por sua vez desvela a colagem que mascara o furo do sujeito fazendo aceder à estrutura do sujeito enquanto significante puro. Segundo Lacan essa operação em Freud permaneceu não analisada. A vacilação dessa operação ligada ao desejo teria escapado à Freud e de acordo com Lacan (1968/69)¹⁴ ela se produz ao final da análise. O representante da representação não teria sido completamente conceituado uma vez que o desejo freudiano nunca foi analisado. O significante lacaniano, por sua vez, só se esclarece se mais além de sua fonte na linguística pudermos compreender sua função de operador estrutural do vazio como causa do desejo e alvo da satisfação pulsional.

O significante de Lacan deve ser entendido no rastro de seu esforço para promover o aprofundamento da dimensão da falta enquanto o que tem afinidade de estrutura com o que é um sujeito do inconsciente. Segue-se uma discussão crítica de um repertório escolhido de comentadores da relação Lacan e Saussure e em seguida uma breve discussão das relações de Lacan com a estrutura e a ciência. Nos dois casos, trata-se de um esforço de esclarecer de que modo Lacan vem promover a função do vazio, como causa de um desejo muito singular: o desejo do analista.

¹⁴ Lacan, J. Proposição de nove de outubro, in Silicet, no

